



XVII miniENAPOL de semiótica

FFLCH-USP, de **02** a **05** de outubro de **2018**

CADERNO DE RESUMOS

Prédio de Letras USP, sala 266
Av. Luciano Gualberto, 403
Cidade Universitária - São Paulo, SP

Coordenação geral do miniENAPOL de Semiótica de 2018

Elizabeth Harkot de La Taille
Waldir Beividas
Ivã Carlos Lopes
Antonio Vicente Pietroforte

Comissão organizadora 2018

Adriana Elisa Inácio, Ana Carolina Noronha, Clarissa Ferreira Monteiro, Daniel Carmona Leite, Dilson Ferreira da Cruz Jr., Edison Gomes Jr., Eliane Soares de Lima, Hadassa Franca Maciel, Joyce Lopes, Letícia Moraes Lima, Lucas Porto, Lucas Takeo Shimoda, Marcos Rogério Martins Costa, Matheus Henrique Mafra, Matheus Lima Moura, Milton Guiguer, Natália Cipolaro Guirado, Saulo Nogueira Schwartzmann, Taís de Oliveira, Valéria Nassif Domingues.

contato:
comissao.gesusp@gmail.com



Grupo de Estudos Semióticos da USP

<http://semiotica.fflch.usp.br>



O indizível como expressão de uma ultrapassagem

Adriana Elisa Inácio (USP)

Com base, sobretudo, no instrumental teórico da gramática tensiva desenvolvida por Claude Zilberberg, procuraremos realizar uma breve incursão pela noção geral de indizível, que definimos – extrapolando um pouco a acepção usual atribuída ao termo (aquilo “que não pode e/ou não deve ser traduzido em palavras”, segundo o dicionário *Houaiss* eletrônico) –, como o correlato expressivo de um “excedente de sentido” gerado por um acontecimento, ou seja, por um evento não passível de antecipação, cuja configuração tensiva se caracteriza por um paroxismo súbito em termos de intensidade, e por uma drástica redução no que se refere à extensidade. Assim sendo, partiremos do pressuposto de que o indizível se impõe como uma decorrência direta do acontecimento zilberberguiano – o próprio estado de mudez que acomete o sujeito desmodalizado diante da vivência de significação parece sugerir que todo e qualquer acontecimento é, de fato, indizível num primeiro momento. A tendência geral, segundo o modelo, seria a de que, passado o impacto inicial, a intensidade experimentada fosse diluída na duração, por meio da conversão do acontecimento em discurso. O foco de nossa reflexão, no entanto, não recai sobre um indizível que se resolve, tornando-se “dizível” através da conversão mencionada, mas sim sobre um indizível que persiste, convocando estratégias discursivas empregadas para “dizer negativamente” ou, se preferirmos, para “dizer sem dizer”. Nessa perspectiva, a manifestação do indizível – realizada a partir de recursos formais como a linguagem metafórica e a predicação negativa – atuaria como a expressão daquilo que, em termos tensivos, configura uma ultrapassagem, sumariamente definida como a expansão de uma matriz aspectual em consequência do surgimento de um novo limite que se instala, suplantando o limite anteriormente estabelecido. O indizível realizaria, dessa maneira, a manutenção dos três parâmetros semântico-tensivos que, a nosso ver, caracterizam uma ultrapassagem aspectual: o imensurável, o sem precedentes e o inconcebível.

Palavras-chave: Semiótica; Tensividade; Indizível; Ultrapassagem.

Os Signos Santos do Neocriollo

Alcebiades Diniz Miguel (USP)

Se as formas literárias que se distanciam da percepção da realidade cotidiana em seu formato mais usual tendem à denúncia, em termos linguísticos, dessa realidade, o foco seria a representação dessa *outra* realidade, que a linguagem humana de uso comum, embora tão flexível e maleável, aparentemente não conseguiria captar – ao menos, não dentro das demandas e exigências que os narradores do fantástico/imaginativo teriam em vista. Nesse sentido, surgem desde simbioses com outras formas de representação que não a literária (da gravura ao cinema, da ópera à história em quadrinhos) até o recurso de criação de processos idiomáticos no escopo das narrativas. No segundo caso, em geral, temos idiomas fantásticos ou formas de comunicação ainda não imaginadas que unem e dão significado ao universo do *Outro*. Nesse quadro, a obra do artista plástico, inventor e escritor argentino Xul Solar – cujo nome, substituído por essa curiosa formulação poética, era Oscar Agustín Alejandro Schulz Solari (1887-1963) – ocupa um espaço *sui generis*: ao mesmo tempo que reflete a necessidade de ultrapassagem da linguagem comum, representa a possibilidade utópica dessa ultrapassagem como uma construção social complexa que *uniria* o universo visionário e o universo cotidiano e os povos que vivem sempre nessa fronteira. O exemplo mais acabado dessa tentativa, feita dentro do idioma criado por Xul – denominado *neocriollo*. Inspirada por

uma proposta/desafio do místico Aleister Crowley, *Los San Signos* é, a um só tempo, leitura interpretativa do *I Ching* e reconstrução do mito infernal dantesco, criação poética visionária e exemplificação dos princípios de uma língua utópica, narrativa e fluxo poético, continuidade e ciclo. Apresentamos aqui nossa tradução de *Los San Signos*, do *neocriollo* para o português, articulada com outras tentativas similares de construção de um *corpus* literário demiúrgico.

Palavras-chave: Literatura Visionária; Semiótica; Xul Solar.

A manutenção do individualismo e a mão invisível: uma abordagem semiótica em Adam Smith

Alexandre Felipe de Sousa (USP)

A pesquisa em semiótica francesa se mostra cada vez mais profícua na análise de outros textos que saem do meio ficcional “verbal-escrito” (literatura, conto, poesia, etc) para se expandirem às demais áreas do conhecimento como as ciências naturais e seus discursos, e os gêneros com plano de expressão mais complexos, como o cinema, história em quadrinhos, etc. Diante disso, a pesquisa tem por objetivo aplicar essa metodologia de análise sobre a obra de teoria econômica *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, visando examinar o “individualismo” dentro das relações actanciais e passionais entre destinador e destinatário/sujeito, bem como entender melhor a maneira discursiva sobre o valor do trabalho e o sentido de juro nos processos históricos. Apesar da pesquisa se encontrar em vias de sua etapa intermediária, verifica-se já uma oposição básica entre o primitivo e evoluído como valores operados pela produção individual e coletiva, respectivamente, numa clara dêixis positiva e negativa. Assim, segundo o próprio A. Smith, a divisão do trabalho (DIT) fragmenta a força de trabalho em vários sujeitos sob o pretexto de uma efetividade na produção – leia-se, o alcance aos objetos – e na manutenção do controle sobre aqueles: “O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho” (Smith, livro I, cap. I). No aspecto discursivo, o autor parece se valer de uma cadeia isotópica do interesse particular como força para sua teoria. A descrição se constrói figurativamente com elementos que vão da biologia – já que fora discípulo de um jusnaturalista – às práticas de trocas nas atividades de comunicação humana. Tenciona-se investigar também o nível de pertinência adequado, lançando mão da proposta de Fontanille, para o corpus pretendido.

Palavras-chave: semiótica; economia; destinador; manipulação.

O papel temático da mulher medieval: um estudo sobre Hildegard von Bingen

Alexandre Gastão Eduardo Eugênio Mazak (USP)

Hildegard von Bingen foi uma monja católica medieval. Formou-se no convento das monjas beneditinas, junto ao mosteiro de Disibodenberg. Havia na época severas restrições às mulheres no contexto religioso, entre elas, os ensinamentos de latim, que eram rudimentares para as mulheres e o acesso ao *Trívio* e ao *Quadrívio*, cânones do conhecimento medieval, restrito aos homens. Aos 42 anos, ela manifesta o desejo de escrever sobre visões que tem desde a infância, mas encontra grande resistência por parte dos monges. Além das restrições ao sexo feminino, enfrentava também uma declarada inveja, por conta da sua habilidade política e intelectual. Consegue, à época, autorização do Papa e começa a escrever sobre suas

visões. Sofre nova perseguição em Disibodenberg e consegue permissão para construir seu próprio convento, em Rupertsberg, próximo à cidade de Bingen. Apesar dos boicotes, Hildegard obtém o apoio do arcebispo de Mainz e do Papa. Além dos relatos das suas visões, descritos no *Sciuias Domini*, escreveu também o livro *Causae et Curae*, sobre medicina natural. Foi a primeira mulher licenciada pelo Papa para escrever. Barbara Newman afirma que, se Hildegard tivesse sido homem, seu *Sciuias* poderia ser considerado uma das mais importantes sumas medievais. Diante desse contexto histórico, igualmente relevante para as polêmicas discursivas aqui discutidas, este trabalho pretende, portanto, articular a obra de Hildegard von Bingen – expressa em semióticas verbais, musicais e plásticas – à sociedade do século XII, buscando descrever o modo de vida da mulher medieval. Vale ressaltar, no entanto, que a postura de Hildegard não ultrapassa o plano teológico e seria anacrônico tratá-la como feminista; todavia, ela é figura de suma relevância para entender o papel social da mulher e as suas transgressões num contexto predominantemente masculino, com relações de poder e posições sociais absolutamente definidos e estanques.

Palavras-chave: Idade-Média; Sociossemiótica; Estudos de Gênero.

O plano de aula disponível online: uma investigação semiótica

Ana Carolina Cortez Noronha (USP)

O plano de aula é um gênero textual pertencente à esfera discursiva escolar que, tradicionalmente, expressa a concepção teórica e prática do professor sobre o planejamento da transmissão ou construção de conhecimento com seus alunos no espaço da aula. Como característica recente e merecedora de atenção, ele se apresenta disponível online, compartilhado em sites ligados à educação, o que permite uma observação do plano de aula inserido em um novo suporte, a internet. Para nossa pesquisa, os planos de aula disponíveis online se constituem como textos e são objeto de uma análise discursiva e textual que aqui propomos, com o cabedal teórico da semiótica greimasiana. Desde 2008, o Ministério da Educação, MEC, mantém um site chamado Portal do Professor, cujo objetivo principal é o de ser um espaço de compartilhamento de planos de aula, confeccionados pelo próprio MEC, por professores ou por outros sujeitos que estiverem inscritos no Portal e que cumpram alguns requisitos nele propostos. Por ser um espaço mantido pelo MEC, entendemos que esses planos de aula contêm, além da concepção de aula do professor, também a concepção do Ministério sobre aulas, uma vez que precisam ser aprovados para estarem publicados ali.

Palavras-chave: plano de aula; educação; semiótica discursiva.

A semiótica dos discursos político e jornalístico

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (USP)

Em seus muitos desenvolvimentos, a semiótica narrativa e discursiva proposta por Greimas e colaboradores ocupa-se com a tipologia dos discursos; segundo a sociossemiótica derivada desse ponto de vista, caberia, ao semiotista, descrever, ao lado das conotações sócias e das concepções de signo de determinada sociedade, sua tipologia de discursos. Ora, nas sociedades contemporâneas, definir quaisquer discursos isoladamente é praticamente impossível, uma vez que todos eles se manifestam em redes semióticas, em que cada tipo se define em relação aos demais, seja dentro da mesma rede, seja entre redes distintas. Como

seria, portanto, descrever o discurso político? Buscando por suas ocorrências, verifica-se que, além dos disfarces ideológicos, em que tudo parece se resumir à política e à economia, há discursos explicitamente políticos, os quais todo membro de nossa sociedade reconhece como tal; algumas dessas ocorrências são os discursos de revistas explicitamente dedicadas a temas ditos políticos. Entre as muitas revistas brasileiras assim, escolheu-se *Le Monde Diplomatique Brasil* nº130, uma publicação da associação Palavra Livre, em parceria com o Instituto Pólis. Ora, pelo próprio estatuto editorial da revista, trata-se, também, de discurso jornalístico, o que encaminharia não apenas uma semiótica do discurso político, mas de sua dialética com o discurso jornalístico. Desse modo, definem-se os objetivos desta comunicação: descrever a semiótica estabelecida entre os discursos político e jornalístico em dois temas problematizados na revista citada: (1) o caso norte-americano conhecido como *Russiagate*; (2) a violência nas zonas rurais do Brasil. Como base nas conclusões obtidas e para testar seus alcances, pretende-se, por fim, analisar uma ocorrência fora da relação política vs. jornalismo: a saber, o resultado eleitoral da atual diretoria da FFLCH-USP.

Palavras-chave: semiótica; discurso político; discurso jornalístico.

Legendagem: tradução intersemiótica e canal de (re)significação

Barbara Tannuri Maluf (UFF)

Concebida como um canal de ressignificação, a legendagem será discutida sob uma perspectiva dialógica entre os estudos da tradução audiovisual e a teoria da semiótica discursiva. A legendagem como tradução intersemiótica implica na observância de coerções e limitações entre as linguagens envolvidas no processo, na passagem entre um plano de expressão a outro. Como peculiaridade, a legendagem representa também o elo responsável pela coexistência de dois projetos enunciativos (MANCINI, 2018) na mesma manifestação textual. Um projeto inicial - o filme em sua manifestação original, e a recriação dessa experiência em um outro ato enunciativo constituído a partir da adição da legendagem. Sob a noção de gradação tensiva (ZILBERBERG, 2011) analisaremos o impacto desse novo canal de significação no texto como um todo, proximidades e afastamentos, em menor ou maior grau, entre os dois projetos enunciativos e também a reiteração ou não de isotopias presentes no texto de partida. Dos estudos da tradução audiovisual, partiremos do conceito de legendagem como nova camada semiótica de significação que, cerceada pelos limites de tempo e espaço, obedece também a restrições linguísticas de ordem endógena - estruturais e sistêmicas, e exógena - culturais, sociais, históricas, econômicas e políticas. (cf, VENUTI, 2002). Cabe ao tradutor fazer escolhas que representem o justo equilíbrio entre as dimensões visual, oral e escrita, concorrentes em um mesmo texto (cf. DÍAZ CINTAS, 2017, p. 273-276). Analisaremos a legendagem do filme *Lavoura Arcaica* para o inglês, sob o título *To the Left of the Father* (2001) baseado no romance homônimo de Raduan Nassar. Como material de cotejo das escolhas tradutórias, utilizaremos a tradução do livro para o inglês, *Ancient Tillage* da tradutora por Karen Sotelino e publicada pela casa editorial Penguins Classics em 2015.

Palavras-chave: Legendagem; Tradução intersemiótica; *Lavoura Arcaica*; Projeto enunciativo.

O ritmo e a repetição não-linear

Carolina Lindenberg Lemos (UFC)

O papel da repetição na organização do ritmo nos textos parece depender de três parâmetros: a possibilidade de identificação de duas grandezas, a saliência dessa iteração e sua apresentação num encadeamento linear (LINDENBERG LEMOS, 2015). Essa generalização é capaz de descrever o lugar da repetição em muitos textos, em especial aqueles de sintagmatização linear. No entanto, ela se mostra insuficiente quando nos deparamos com textos de sintagmatização simultânea (FIORIN, 2014, p. 31). Por meio da confrontação de alguns textos não-verbais, procuraremos apresentar paulatinamente os limites dessa proposta. Demonstraremos que a perda progressiva da perspectiva do arranjo linear preserva os dois primeiros critérios de instauração da repetição (identificação e saliência), mas torna o terceiro (linearidade) impróprio. Sendo assim, textos de organização espacial podem apresentar suas repetições de forma linear ou não. Isso, no entanto, não exclui a construção de um elemento rítmico ligado às entidades que se repetem, tanto no interior de um único texto como na composição de uma série ou conjunto de textos. Por fim, procuraremos apontar caminhos para uma nova caracterização da relação entre ritmo e repetição que responda a essa insuficiência do parâmetro da linearidade, calcada em estudos atuais sobre o ritmo em semióticas visuais (TEIXEIRA, 2008; BEYAERT-GESLIN, 2010; ZILBERBERG, 2009).

Palavras-chave: ritmo; repetição; linearidade; semiótica visual.

A constituição de planos da linguagem por meio das primeiras acepções de signo

Carolina Mazzaron de Castro (UNESP)

Nesta comunicação, iremos apresentar uma perspectiva teórico-metodológica das acepções em torno do signo que, posteriormente, remetem à noção de planos da linguagem na semiótica discursiva. Utilizando a metodologia da Historiografia Linguística, empreendida por autores como Altman, Koerner e Swiggers, faremos uma abordagem diacrônica das principais acepções de signo postuladas por autores que precedem o chamado corte epistemológico de Saussure, como Whitney e Bréal, o legado de Saussure sobre signo, significado e significante, e as propostas apresentadas por Jakobson e Hjelmslev até chegar às primeiras acepções de Greimas sobre os planos da linguagem. A corrente metodológica a respeito do signo, postulada por Saussure, no final do século XIX, graças à perspectiva real sincrônica que se deu aos estudos pré-saussurianos, possibilita a ultrapassagem da comparação entre línguas, até então tida como um “estatuto” no estudo de linguistas dessa época, e influencia as acepções gerais da linguística como ciência no século XX. Parece-nos que fica mais claro, na medida em que avançam os estudos da linguística como ciência no século XX, com os estudos de Hjelmslev e Jakobson, que os signos são constituídos por estruturas “conformes” em que a manifestação mobiliza o conceito e vice-versa. Os planos da linguagem na semiótica discursiva surgem nesse contexto, quando Greimas designa como significado a significação ou as significações recobertas pelo significante, em que a existência de um elemento pressupõe o outro e atribui que a significação independe da natureza do significante pela qual se manifesta.

Palavras-chave: planos da linguagem; signo; semiótica discursiva.

A plasticidade da escrita no quadrinho de Chis Ware

Clarissa Ferreira Monteiro (USP)

Os estudos da linguagem do quadrinho vêm se desenvolvendo desde muito tempo, sendo dispensada grande atenção aos seus elementos visuais. Embora não esteja presente em todas as narrativas gráficas, o elemento verbal é de grande importância, estabelecendo relação solidária com o visual na construção do sentido. Nos estudos de comunicação, teóricos levantaram pontos relevantes acerca do papel do verbal, sua função referencial e informativa em relação ao pictórico. Entretanto, se faz necessário também o aprofundamento no estudo da plasticidade do verbal (o letramento, ou lettering). Os estudos da escrita, especialmente aqueles que se debruçam sobre a poesia visual, oferecem possíveis caminhos para análise. Um deles é o estudo de Juliana di Fiori Pondian, em *Gramática da Poesia Escrita: Figuras Retóricas*. Na tese, é verificado se alguns dos procedimentos poéticos na poesia, particularmente aqueles referentes à visualidade, criam sentido e podem ser incorporados ao conjunto das figuras retóricas. Utilizando como base teórica os estudos sobre retórica, com destaque à *Retórica Geral*, do Grupo μ , Pondian organiza, a partir de unidades definidas na grafemática, parâmetros para a constituição de níveis retóricos (dos quais se elaboram figuras da escrita). Tal organização é apresentada como catálogo de figuras do plano de expressão gráfico e, desse inventário, verificar-se-á no presente estudo se alguns destes dispositivos aplicam-se a uma análise do letramento. Esta análise tomará como objeto um quadrinho de Chris Ware em que a plasticidade do verbal é colocada em evidência e essencial para a construção do sentido da narrativa. Será feita primeiramente uma relação entre plano de expressão e plano de conteúdo a partir da teoria dos sistemas semissimbólicos de Jean-Marie Floch e, em seguida, serão utilizados os estudos de Pondian sobre as figuras da escrita no plano de expressão gráfico, observando a terminologia proposta pelo Grupo μ .

Palavras-chave: História em quadrinhos; semiótica poética; figuras retóricas; plano de expressão.

Fortalecimento e enfraquecimento do protagonismo no relato de adolescentes em situação de restrição de liberdade em São Paulo

Daniel Carmona Leite (USP)

Na definição do conceito de protagonismo, tomando como base o instrumental teórico da semiótica de linha francesa, postulamos a capacidade reflexiva do ator do sujeito de ocupar dois papéis actanciais diferentes, o de destinador-manipulador e o de operador, em um programa narrativo dado. Para verificar a hipótese postulada, observamos o discurso de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas em regime de semiliberdade, por meio de depoimentos coletados em unidade da Fundação Casa, organização vinculada ao governo estadual e responsável por tais atendimentos. As entrevistas foram realizadas em 2017. Segundo boletins divulgados pela instituição, no ano citado os principais delitos que foram cometidos pelos adolescentes foram tráfico de drogas e roubo qualificado, ambos com índice de aproximadamente 40%. Por um lado, nenhum dos cinco jovens do sexo masculino que foram entrevistados considera que a participação em tais operações ilícitas sejam benéficas para si ou outrem, e nem tampouco veem isso como um “roteiro” em qualquer medida desejável para o curso de suas vidas. Ainda assim as infrações aconteceram, de modo que se verifica uma disparidade entre o ideal do discurso enunciado e aos atos cometidos. Esse descompasso entre ação e sanção pode ser explicado, em termos narrativos, como o fruto de

um contrato fiduciário estabelecido com um antidefinidor, reflexivo nesse caso. Além disso, nos discursos, verificam-se configurações espaciais específicas de fortalecimento das aptidões dos adolescentes no que diz respeito ao cumprimento das planejamentos ou aspirações pessoais. Da mesma maneira, há locais nos quais costuma haver enfraquecimento da capacidade de autodeterminação dos adolescentes, que parecem levar ao enfraquecimento das competências ligadas à resistência às saídas “fáceis” dos problemas vividos, notadamente, a via da criminalidade.

Palavras-chave: Narratividade; Estudo de caso; Semiótica; Juventude urbana; Violência; Discurso.

A relevância social da Semiótica: ensino e letramento

Eliane Soares de Lima (USP)

Dada a centralidade que as atividades de leitura e escrita têm passado a ocupar no processo de ensino-aprendizagem da educação básica, propomos apresentar e discutir as contribuições que a Semiótica Discursiva pode trazer ao ensino, à formação continuada de professores e, por conseguinte, às práticas de letramento em situação de aula. Ao avaliar não apenas as contribuições que ela oferece ao letramento na fase escolar, mas também as peculiaridades do próprio percurso de transposição didática, que vai do discurso científico à prática efetiva em sala de aula, interessa definir a melhor forma de transformar os seus princípios teórico-metodológicos de base em objetos didáticos úteis aos educadores, favorecendo estratégias de ensino-aprendizagem capazes de desenvolver competências e habilidades contínuas de produção e interpretação crítica dos textos nas mais variadas situações de comunicação – tal como previsto pelas últimas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica. Acreditamos que a semiótica de linha francesa, ao caracterizar-se, antes de mais nada, como prática de leitura e interpretação crítica dos diferentes textos, preocupada, portanto, com a compreensão e a descrição da sua organização estrutural, dos processos de construção da significação subjacentes às mais variadas produções discursivo-textuais (verbal, visual, audiovisual, etc), pode colaborar de maneira considerável para uma formação escolar “letradora”. Nesse sentido, a ideia é chegar a um programa de didatização do instrumental teórico-metodológico oferecido pela semiótica, o qual seja capaz de trazer subsídios concretos para extinguir a distância, ainda hoje grande, entre a proposta e a prática didática, ou seja, entre as orientações a respeito do que e como se deve ensinar, por um lado, e o que e como é, de fato, ensinado, por outro. (Apoio: FAPESP)

Palavras-chave: semiótica discursiva; ensino; letramento; prática didática; didatização.

A mulher e os espelhos, de João do Rio, sentidos que emergem

Ernani Terra

Neste trabalho, apresentam-se resultados de pesquisa em andamento em que se investiga o perfil feminino nos contos de João do Rio (1881 – 1921). Em sua obra, o autor dá voz ao *bas fond* carioca do início do século XX, fazendo emergir das profundezas desejos sexuais reprimidos. Nesse sentido, seus contos trazem à tona discursos interditos, tendo na mulher seu porta-voz. No nível fundamental, seus contos se articulam na oposição semântica /natureza vs. cultura/, em que a primeira é sempre o valor eufórico. As coerções sociais (valores da cultura) são negadas e as pulsões individuais (valores da natureza) são

afirmadas, o que confere a seus contos um forte caráter erótico, que o autor deixa manifestar por figuras ligadas à sexualidade. As personagens femininas de seus contos, mulheres indecifráveis, constituem a chave para se verificar como se constroem e se manifestam os discursos de interditos, na medida em que o narrador dá voz àquelas que foram segregadas. Quando a voz feminina emerge, provoca reações as mais diversas, por isso a metáfora da mulher como espelho. Para *corpus* do presente trabalho, escolheu-se o conto “Penélope”, do livro *A mulher e os espelhos*, de 1919. Com fundamentação teórico-metodológica na semiótica discursiva, objetiva-se mostrar como um sentido que não se pode dizer é manifestado. A análise está centrada no nível discursivo, particularmente na espacialização, e nas isotopias temáticas e figurativas.

Palavras-chave: João do Rio; Penélope; A mulher e os espelhos.

O processo criativo de bricolagem: elaboração de símbolos gráficos utilizados em identidades visuais

Filipe Peçanha Di Domenico (USP)

Projeto de pesquisa que investigará o processo criativo de bricolagem aliado aos processos de simplificação e estilização visual para elaboração de símbolos gráficos utilizados em logomarcas/identidades visuais, a partir de duas ou mais figuras, tendo por fundamento sua transformação em uma figura combinada (híbrida), diversa das de origem. O recorte do estudo se concentrará no processo de elaboração gráfica do Símbolo (não-verbal), excetuando suas dimensões conceituais ou semânticas, tipografia, cor e quaisquer outros elementos gráficos secundários de uma identidade visual. O quadro teórico se embasa nos estudos de bricolagem (LÉVI-STRAUSS, 1962; FLOCH, 2000), racionalismo no design (KANDINSKY, 1970), processo criativo (OSTROWER, 1997) e *Gestalt* (GOMES FILHO, 2006; DONDIS, 2007). A pesquisa provém de experiência empírica e parte da necessidade de fundamentação teórica para tal prática. O projeto está em pleito (para mestrado) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, no corrente ano.

Palavras-chave: bricolagem; símbolo gráfico; identidade visual; processo criativo.

Lídia Baís: um estudo discursivo

Flávia de Araújo Costa (UFMS)

Neste trabalho, pretendemos apresentar a pertinência dos estudos da Semiótica Plástica pensada por Floch (1985) quando aplicados à leitura de telas pictóricas. Nossa discussão será baseada na semiótica francesa, construída por Algirdas Julien Greimas (1917-1992). De acordo com a teoria semiótica, qualquer tipo de texto, seja ele verbal ou não-verbal, é formado por um “plano de conteúdo” e um “plano de expressão”. No plano de conteúdo, temos as estruturas da significação organizadas em um “percurso gerativo de sentido”, enquanto o plano de expressão, na pintura, inclui a cor, a espacialidade, a luz e a forma. Para analisar os planos de conteúdo e de expressão de um texto não-verbal, elegemos como objeto de análise as pinturas: *Lídia simboliza a trindade* e *A última ceia*, de Lídia Baís, artista considerada ícone em Mato Grosso do Sul, que são um recorte do nosso trabalho de dissertação que está em desenvolvimento. Apontamos, que nossa leitura não pretende revelar “o” ou os sentidos do autorretrato, mas um certo sentido, isto é, o sentido relativo ao percurso,

relativo à direção. No lugar de procurar descobrir o que diz o quadro, nós tentaremos ver como ele diz o que diz. Nesse sentido, tratar semioticamente de tela de pintura pressupõe defini-la como texto, produto da articulação do plano de conteúdo com o plano de expressão. O texto pictórico figurativiza uma Lídia tanto na dimensão humana quanto na espiritual.

Palavras-chave: semiótica; texto são-verbal; leitura; significação.

Ignacio Assis Silva e o conceito de figuratividade

Flavia Karla Ribeiro Santos (UNESP)

Neste trabalho, visamos examinar a perspectiva de Ignacio Assis Silva sobre o conceito de figuratividade. Esse conceito, cujo papel na construção do sentido envolve a articulação de simulacros do mundo natural com as dimensões tímica e sensível, foi objeto dos estudos de Algirdas Julien Greimas e dos pesquisadores ao seu entorno ainda nos anos 1970, atingindo o auge investigativo na década ulterior. Nos anos seguintes, o modo como a figuratividade faz o enunciatário perceber e apreender o sentido continuou sendo a preocupação de muitos semioticistas, a exemplo da pesquisa empreendida por Ignacio, que culmina em uma tese de livre-docência no início dos anos 1990 e em diferentes trabalhos derivados dessa tese após ser defendida. Assim, na busca por transcender a mera reescrita da história do conceito, propomos inventariar as publicações do semioticista (artigos em periódicos de semiótica, livros e/ou capítulos de livros, teses, entre outros trabalhos) que tenham a figuratividade como mote de investigação para arrolarmos os posicionamentos teóricos da pesquisa ignaciana sobre esse conceito. Ademais, tencionamos identificar a influência desses trabalhos em empreendimentos científicos de outros semioticistas. Quanto à coleta, ao inventário e à interpretação dos dados obtidos nesta investigação, adotamos a metodologia da Historiografia Linguística executada por pesquisadores como Konrad Koerner, Pierre Swiggers e Cristina Altman, que identificam, nessa disciplina, a qualidade de descrever e explicar a produção e o desenvolvimento do conhecimento linguístico dentro de um contexto sócio-histórico de determinada cultura. Pensando na possibilidade de construção de uma parte da história das ideias semióticas, conforme sugere Portela (2018), a metodologia da Historiografia Linguística possibilita à semiótica abordar os diferentes modos de pensar a figuratividade dentro da teoria e, conforme os acontecimentos são narrados, estabelecer em que medida esses fatos teóricos contribuíram para o avanço dos estudos semióticos, tanto científica quanto institucionalmente. (Apoio: Capes)

Palavras-chave: figuratividade; história das ideias semióticas; Ignacio Assis Silva; semiótica discursiva.

A adesão ao contrato fiduciário na literatura fantástica: análise semiótica de *A Monster Calls*

Guilherme Santos Cysne (UFC)

Desde a década de 1970, o livro *Introdução à Literatura Fantástica* de Tzvetan Todorov nos ajuda a entender e a classificar as obras desse gênero literário, em grande parte por meio da tipologia proposta pelo autor. É de se esperar que, como o próprio autor indica em seu livro, a literatura fantástica contemporânea se apresente diferentemente daquela usada para descrever as categorias construídas por ele, já que cada obra altera um todo e sofre influência de outras obras anteriores. Nesse sentido, propomos investigar o contrato veridictório e

fiduciário no contexto da semiótica greimasiana no romance *A Monster Calls*, de Patrick Ness (2011). Pretendemos demonstrar que a adesão do ator Conor ao contrato proposto pela entidade fantástica se dá de maneira paulatina e passa pela etapa da hesitação (entre o estranho e o maravilhoso) proposta por Todorov (1970). A apreensão final do fantástico, entretanto, se apresenta fora dos padrões propostos por Todorov (1970), pois não parece se encaixar perfeitamente nem na subcategoria “fantástico-estranho”, nem na subcategoria “fantástico-maravilhoso”, ficando fora dos parâmetros previstos. Isso parece indicar a necessidade de uma categoria nova ou a revisão das categorias clássicas. Propomos assim investigar a adesão do romance de Ness à categoria que seria o *Low Fantasy*. A investigação do contrato em *A Monster Calls* poderá assim trazer elementos que contribuam para a descrição dessa outra categoria.

Palavras-chave: literatura fantástica; contrato fiduciário; gêneros literários; Patrick Ness; *A Monster Calls*.

Ator da enunciação na rede social: uma análise semiótica dos memes políticos

Gustavo André Táriba Brito (USP)

Este projeto se propõe estudar o ator da enunciação dos memes políticos, visto como *éthos* e como um estilo a ser apreendido das redes sociais, um ator apresentado nos próprios enunciados como um sujeito cujo papel vai muito além do riso que lhe é de praxe. Partimos de um princípio teórico relativo à teoria da enunciação, em que o sujeito enunciator é aquele instituído no próprio ato de enunciar. Também nos ampara um princípio relativo aos estudos do discurso, para quem o enunciator é um *éthos* e é o próprio estilo, para o que é levado em conta na relação com a totalidade de seus discursos. No caso, é o enunciator, e o papel temático que o mesmo assume, dentro dos memes a serem analisados. Esta pesquisa se debruça sobre os memes brasileiros de cunho político, sem datação específica, e observando o contexto no qual houve a circulação desses memes, quais eram as notícias e os acontecimentos no momento de sua “viralização”. A metodologia de análise será semiótica. Para isso, será baseada no percurso gerativo do sentido e na herança recebida pela semiótica dos estudos enunciativos. Para isso ainda, este trabalho é norteado a partir da bibliografia selecionada sobre os teóricos da semiótica discursiva francesa, além dos autores que versam sobre análise do discurso, gênero, internet e humor.

Palavras-chave: memes; semiótica; análise do discurso; política.

Música Cênica: modos de contato

Gustavo Cardoso Bonin (USP)

A Música Cênica é uma prática que coloca em jogo o contato entre elementos musicais e cênicos, ambos regidos por uma organização musical de base. Na guia das diversas vertentes da música contemporânea e experimental, alguns autores ressaltam a presença cênica dos concertos de música utilizando estratégias de iluminação, figurino, gestualidade, encenação etc. Os caminhos teóricos que tomamos desenharam uma abordagem ancorada na semiótica tensiva, de Claude Zilberberg, principalmente, no texto “As condições Semióticas da Mestiçagem”, do mesmo autor. Propomos observar as estratégias que constroem dominâncias, transportes e ambivalências entre as presenças musicais e as presenças cênicas, através da

configuração gradativa e aspectual dos modos de contato. As peças que analisaremos, “Son et Lumière”, de Gilberto Mendes (1968), e “Tango”, de Tim Rescala (1989), estão em polos opostos dos modos de contato, dado que a primeira possui mais predominância cênica, enquanto a segunda mais predominância musical, ao mesmo tempo que ambas são organizadas a partir de uma regência musical que procuramos homologar às forças sensíveis do sujeito que configura essa prática sincrética. O modo como se dinamizam as presenças que compõem as obras será observado a partir de conectores e diferenças tanto de conteúdo como de expressão, na medida em que operam a partir de processos de triagens e de misturas.

Palavras-chave: música cênica; modos de contato; abordagem tensiva.

Uma breve análise da metapoesia em *Antiode*, de João Cabral de Melo Neto

Hadassa Franca Maciel (USP)

Este recorte de pesquisa a ser apresentado tem por objeto de análise o poema *Antiode: contra a poesia dita profunda*, de João Cabral de Melo Neto, da obra *Psicologia da Composição* (1947), e se utiliza da semiótica greimasiana como ferramenta de análise. Buscamos, a partir da observação do plano de expressão e do plano de conteúdo, em seus respectivos níveis estruturais, traços lexemáticos que reflitam nas isotopias, a nível discursivo, uma metapoesia cabralina, mostrando no poema, no poeta ou no fazer poético, a identidade de construção visceral e arquitetural do poeta pernambucano. Esta comunicação exemplifica de modo breve o conteúdo de análise de uma pesquisa mais abrangente, que busca, ao longo de toda a obra de João Cabral, como se dá, no percurso gerativo dos poemas, a construção de uma reflexão acerca do fazer poético, buscando na isotopias e traços lexemáticos dos poemas, a costura da poesia cabralina de maneira geral, criando uma teia comum de pertencimento e de sentido semiótico metapoético. Buscamos não só contribuir com os estudos acerca de João Cabral de Melo Neto, mas também com o alargamento das pesquisas de semiótica poética de modo geral. Nesta análise, será apresentado o quadrado semiótico das axiologias de base e os desdobramentos destes conteúdos nos planos narrativo e discursivo do poema em questão, relacionando-os com aspectos do plano de expressão pertinentes a esta pesquisa.

Palavras-chave: Metapoesia; João Cabral de Melo Neto; Isotopias.

Para quem são feitas as leis?

Heloisa Virnes Akabane (USP)

Para os cidadãos? Para a sociedade? A resposta de que as leis seriam feitas para os cidadãos e/ou a sociedade soa estranha ao pensarmos no hermetismo e complexidade da linguagem empregada. Destinar-se-ia a quem um texto caracterizado por escolhas semânticas não usuais e termos técnicos, pelo uso de recursos sintáticos – tais como a nominalização e a voz passiva – e por uma estilística vaga construída por longas sentenças truncadas que fazem constantes referências a outros textos ou conceitos? Quem é o enunciatório da legislação vigente? A Lei Complementar n. 95/1998 dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, prevendo em seu artigo 11 que “as disposições normativas serão redigidas com clareza, precisão e ordem lógica”. Certamente a clareza que aqui se preza não é a que visa ao fácil entendimento do texto pelo enunciatório jurisdicionado, mas sim à clareza da compreensão unívoca do enunciatório intérprete. A acuidade da lei se opõe à inteligibilidade e

evidencia que a legislação é um gênero, em grande parte, elaborado para permitir que especialistas registrem informação para o escrutínio de outros especialistas. Esta oposição, levando em conta os princípios de Grice, aponta ainda que a legislação parte de um enunciatário pouco cooperativo, engajado em utilizar-se de ambiguidades em benefício próprio, litigando à luz do entendimento que melhor o beneficiar. Bernard Jackson em *Making Sense in Law*, propõe um olhar de interface semiótica sobre o direito que, associado ao salto da semiótica da interação, estende a relação de enunciador e enunciatário para toda prática significativa, ao entender o enunciado como “o objeto cujo sentido faz ser o sujeito”. Tal análise possibilita, por meio da observação da legislação como enunciado produzido pelo Estado de Direito, a identificação de ideologias subjacentes à produção do sentido jurídico.

Palavras-chave: semiótica; direito; pragmática; enunciação.

O exercício do RPG sob a lente da semiótica francesa: questões enunciativas e narrativas

Henrique Matiussi Franco (USP)

O RPG “de mesa” teve sua origem no final do século XX, sendo não só uma atividade lúdica voltada para o lazer, mas também um complexo exercício de produção textual. A intenção deste artigo é primeiro situar o RPG não somente como jogo, mas também como um modo de produção de sentido, mais especificamente, de produção de narrativas, tomando como exemplo, e principal objeto de análise, *Dungeons and Dragons*. Lançaremos mão da definição de jogo dada originalmente por Johan Huizinga e trabalharemos com definições posteriores abordadas por João Ranhel, colocando em debate se o *role playing game* deve ser abordado academicamente como jogo ou não. Utilizando-nos da semiótica francesa, voltaremos a atenção à enunciação presente no RPG, cujos enunciados, apesar de se instaurarem na instância do *ego, hic et nunc*, apresentam um distanciamento em relação aos sujeitos da enunciação. Para isso, tomaremos como objeto de análise uma gravação de uma partida de *Dungeons and Dragons* feita pelo grupo de blogueiros “Jovem Nerd”. Posteriormente, veremos como isto se manteve nos *adventure games* e na geração atual de MMORPGs, mais especificamente, em *Runescape*. Ainda comentaremos como alguns procedimentos comuns em *Dungeons and Dragons*, como rolamento de dados, influenciam no progresso das narrativas criadas pelo jogo.

Palavras-chave: semiótica; RPG; jogo; enunciação; narrativa.

Epistemologia e história da semiótica do discurso: a questão das estruturas elementares

Igor Rezende Nardo (UNESP)

A semiótica, como disciplina do final do século XX, tem em sua formação uma vasta tradição científica e filosófica. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender de que modo a semiótica francesa traça diálogos com outras áreas do saber, como a lógica e a linguística, em especial a fonologia, para desenvolver noções de uso próprio, que serão estendidas à análise não apenas da língua, mas das demais linguagens. Neste trabalho, estudamos as matrizes epistemológicas da noção de “estruturas elementares” semânticas, como apresentadas por A. J. Greimas, por meio da identificação e descrição de estudos e debates ao longo da história que abordam a formação desse conceito, para então relacioná-los entre si e a formulação final de Greimas. A partir da leitura dos escritos greimasianos, pudemos restituir um percurso histórico

das noções fundadoras das estruturas elementares. Esses estudos tiveram seu início com as ideias de Aristóteles em torno das formas oposicionais. O percurso histórico encontra em seguida no Círculo Linguístico de Praga sua renovação mais relevante para a semiótica de Greimas, por meio dos estudos de fonologia de Nikolai Trubetzkoy e Roman Jakobson. Vemos em seguida, com Robert Blanché, o ponto terminal de aproximação das ideias de Greimas com as estruturas elementares articuladas em quadrado semiótico.

Palavras-chave: semiótica; historiografia; estruturas elementares.

A adaptação fílmica de “Cinismo” de Sergio Bizzio: uma análise semiótica

Isadora Lapetina Moran (UNESP)

Este trabalho busca demonstrar os procedimentos discursivos envolvidos em uma adaptação fílmica, sob o ponto de vista da semiótica de linha francesa. Para a semiótica, ao analisar tanto o texto verbal quanto o texto sincrético, estamos analisando um todo organizado de sentido. Eis o porquê de termos escolhido a semiótica no panorama geral das teorias do discurso: na medida em que convocam diversas linguagens, uma só teoria é convocada para descrevê-las e analisá-las. A escolha da análise da adaptação fílmica de Cinismo de Sergio Bizzio se deve ao fato da personagem principal, Alex, ser intersexual, o que leva à construção de todo um suspense com a representação figurativa da personagem na narrativa verbal, que não tem contornos definidos, sua representação alterna entre traços femininos e masculinos. Esse suspense se dissolve no filme, uma vez que, para interpretar o papel da personagem, um problema se coloca imediatamente: um ator ou uma atriz devem ser escolhidos, o que vai impactar certamente na construção da narrativa. A escolha de um ator ou atriz é já um dos primeiros processos do que vamos chamar de ressignificação da adaptação fílmica. Tal ressignificação, que é fruto da tradução (JAKOBSON) ou da transcodificação (GREIMAS; COURTÉS), ocorre, segundo nossa hipótese, não somente por conta da mudança de linguagem, e, sim, porque, na adaptação, novos sentidos são construídos, uma vez que há uma nova instância de enunciação. Partindo dessas afirmações, acreditamos que o texto verbal e o texto sincrético, embora sejam linguagens distintas, podem compreender graus de equivalência.

Palavras-chave: adaptação; cinema; sincretismo.

Semiótica da Educação Linguística no Brasil e o problema de ensino de Língua Portuguesa nas Escolas Públicas do município de São Paulo

Josuel Santos (USP)

O presente trabalho busca aproximar a comunidade de professores da escola pública à comunidade acadêmica, às suas investigações e contribuições para o ensino de Língua Portuguesa na educação básica no Brasil. As políticas públicas têm buscado alternativas para os problemas existentes no ensino de L1 no Brasil evidenciados nos índices do IDEB; por outro lado, a comunidade linguística tem avançado em investigações que muito podem contribuir para a solução do problema. Pode-se olhar para a movimentação histórica da construção do conhecimento linguístico – não apenas a história dos estudos da linguagem, mas também a história de como se ensinou língua no Brasil – e, no escopo da semiótica greimasiana, é possível observar a educação linguística. Dessa forma, propõe-se uma tipologia de quatro correntes pedagógicas que marcam as categorias de continuidade versus descontinuidade em

relação à aplicação dos conceitos linguísticos tal qual eles chegam ao contexto educativo. No quadrado semiótico, os polos contrários são definidos por Pedagogia Tradicionalista versus Pedagogia Dialogicista; e, os subcontrários, por conseguinte, são, aqui, definidos por Pedagogia Imanentista versus Pedagogia Experimentalista. A partir do mapeamento proposto, espera-se evidenciar o que se considera “problema de ensino de Língua Portuguesa no Brasil” e valer-se dos avanços da Linguística Moderna para atacar o referido problema.

Palavras-chave: educação linguística; semiótica; pedagogia.

O discurso passional no documentário brasileiro *Elena*

Joyce do Nascimento Lopes (USP)

A comunicação proposta visa abordar a significação no filme brasileiro *Elena* (2012), dirigido pela mineira Petra Costa. Nele, uma experiência bastante pessoal resulta em um texto fílmico sobre a relação da diretora com a memória da irmã, Elena, que comete suicídio aos vinte anos de idade, no início da década de 1990. E vai além para colocar motivações íntimas da menina-mulher Petra que extrapolam a dor da perda, ou utilizam-na como desencadeadora de outros sentimentos manifestados: os estados de alma, as paixões. Trazendo aspectos de um estilo documental, o longa constrói a figura da personagem-título por meio de uma narrativa profundamente emotiva, dando destaque à subjetividade e aos afetos. Deparamo-nos, então, não só com um “discurso da paixão”, mas também com um “discurso apaixonado”. Pretendemos, portanto, a fim de alcançar o objetivo mencionado, realizar análise semiótica fundamentada na teoria de linha francesa – cujo fundador é o lituano A. J. Greimas –, aplicada a linguagens sincréticas, como é o caso do cinema. A partir da busca dos sentidos, trataremos de evidenciar o percurso passional dos sujeitos no nível narrativo e entender os processos enunciativos capazes de criar determinados efeitos de sentido através do tom passional, mediando, dessa forma, as relações entre enunciador e enunciatário.

Palavras-chave: semiótica; cinema; discurso; paixões; afetos.

Por uma semiótica da poesia *spoken word*

Juliet da Silva Rodrigues (USP)

Spoken word é um gênero artístico literário-musical que tem a fala como sua principal forma de expressão, associada à instrumentação musical. O gênero remete aos gêneros de poesia Antiga, mas sua forma Moderna tem origem nos movimentos *Harley Renaissance* e Geração *Beat*. O *spoken word* tem sido praticado apenas nos últimos 10 anos no Brasil, sobretudo por artistas da cena musical independente, havendo apenas uma poeta *slammer*, Roberta Estrela D’Alva, e uma *performer*, Sandra-X, que trabalham com *spoken word*. Buscando uma descrição semiótica da *spoken word*, com o intuito de determinar suas coerções discursivas, pode ser produtivo compará-la com gêneros similares, em relação aos quais ela pode ser definida; por se tratar de poesia acompanhada de música, acredita-se que o gênero mais próximo dela seja o da canção, com o qual, no entanto, ao contrário do que possa parecer, não se confunde. Esta apresentação, portanto, tem por objetivo geral traçar os primeiros passos dessa comparação, valendo-se dos seguintes conceitos semióticos: a cena enunciativa, por meio da relação dos co-enunciadores; a semântica discursiva, por meio das relações entre temas e figuras; possíveis correlações desses conteúdos com o plano da

expressão sincrético, formado por categorias prosódico-fonológicas, próprias das linguagens verbais, e categorias musicais.

Palavras-chave: semiótica; spoken word; canção.

A sacada com vista para o vizinho

Lais Akemi Munhoz de Souza (USP)

O Grupo de Estudos de Poéticas Experimentais vem mantendo contato com o Grupo de Estudos Brasileiros da *University of California* (UCLA) para a produção da revista de poesia brasileira contemporânea traduzida para o inglês, a *Saccades/Sacadas*. Constitui-se, desse modo, uma ponte entre a academia brasileira e a estadunidense, ou mais apropriadamente: uma ponte entre as culturas brasileira e estadunidense. Como pioneiro do movimento Concretista e produtor de poesia de qualidade, apesar de pouco reconhecida, o Brasil conta com repertório literário de grande importância; surpreendentemente, os Estados Unidos possuem mais estudos de poesia contemporânea brasileira do que o próprio Brasil, cujos acadêmicos, em sua grande maioria, preferem valorizar poetas do passado aos atuais, com quem poderiam dialogar. Outra grande barreira para o contato estrangeiro com a nossa produção é, obviamente, a língua. O português, apesar de ser a décima segunda língua mais falada nos Estados Unidos, ainda se restringe muito ao ambiente dos imigrantes e à academia. Desse modo, a tradução para a língua mais falada, o inglês, permite acesso mais democrático à nossa poesia, quebrando-se as barreiras da língua e da academia. Diante desse panorama, a comunicação tem por objetivo discutir o processo de tradução de alguns dos poemas que estão publicados na edição inaugural da revista. Para tanto, serão utilizados os dispositivos teóricos da semântica discursiva, em termos de temas e figuras, e da sintaxe discursiva, em seus processos de actorialização, espacialização e temporalização.

Palavras-chave: tradução; semiótica; poesia brasileira contemporânea; língua inglesa.

Perfis fantásticos: construção de discursos no mundo da fantasia digital

Leonardo Reitano (USP)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas e condições de enunciação de discursos no processo comunicativo ocorrido dentro dos jogos de videogame *Overwatch*, *Fortnite*, *League of Legends* e *World of Tanks* e em seus espaços adjacentes (fóruns de discussão, espaços de compartilhamento de mídia e setores específicos dentro de plataformas maiores, como o *Facebook*). Pretende-se estudar as convenções e acordos praticados entre os jogadores a partir da utilização de dois tipos diferentes de categorias identitárias – o perfil (ou avatar) e a personagem –, no intuito de compreender como se opera a criação de discursos dentro de um modelo de comunicação com características pessoais, temporais e espaciais únicas, e onde “fatos reais” e “fatos fantasiosos” possuem pesos similares na interação dos jogadores. O ambiente de jogos foi fortemente influenciado pelos estudos de Joseph Campbell, pesquisador que, assim como Greimas, baseou seus estudos nos trabalhos de Vladimir Propp, o que torna o universo do percurso gerativo da semiótica de linha francesa uma área com muitas ligações com o universo moderno da *gamefication*. Para o entendimento inicial das interações entre jogadores, esta pesquisa usará a Análise de Quadros proposta por Erving Goffman, bem como os estudos sobre comunidade de fãs de Henry Jenkins e a própria Jornada do Herói de

Campbell para identificar o ambiente de enunciação desse discurso que estamos analisando, bem como suas normas e códigos de conduta. Após o entendimento desse ambiente de enunciação, esta pesquisa vasculhará alguns exemplos de conversas entre jogadores, desenvolvedores e fãs nos espaços de jogo, bem como peças gráfico-textuais produzidas pelos mesmos, utilizando para isso o modelo do percurso gerativo desenvolvido por Greimas para analisar como se adéquam os papéis da narrativa, os valores e os contratos de acordo com as peculiaridades enunciativas observadas previamente.

Palavras-chave: jogos; discurso; fantasia; narrativa.

O texto, a textualidade e a textualização

Letícia Moraes Lima (USP)

Este trabalho apresenta um recorte da tese de doutoramento intitulada “*A noção de texto na semiótica*” e tem como objetivo compreender como o texto absoluto (HJELMSLEV, 2013 [1943]) gera o texto-objeto, que se apresenta como o objeto da semiótica greimasiana; para tanto, nos basearemos, sobretudo, nos estudos de Hjelmslev (2013 [1943]), Greimas e Courtés (2008 [1979]) e Badir (2014). De um polo ao outro na geração do texto, dois conceitos chamam-nos a atenção: a textualidade e a textualização. Enquanto o primeiro designa a natureza do texto, o segundo, em sentido mais estrito, dá conta do percurso, um contínuo discursivo, desencadeado pela textualidade e que nos leva à manifestação do texto-objeto. A instância da textualização é uma *mise-en-texte* das estruturas dos níveis profundo e superficial; tudo se passa como se a organização da significação do discurso, em um dos níveis do percurso gerativo do sentido, fosse suspensa, de modo que aquilo, que estava até então articulado, tomasse a direção imediata da manifestação. Nessa perspectiva, o percurso específico percorrido na instância mais geral da textualidade é imediatamente anterior à manifestação e define o que designamos como textualiz(ação), enfatizando o caráter de continuidade, movimento e força que o sufixo em parêntese deixa entrever. Sendo assim, a apresentação de ambos os conceitos (textualidade e textualização) será realizada tendo em vista o contexto de um percurso textual, que nos leve de uma instância anterior à análise ao resultado dela, o texto-objeto. (Apoio: CNPq)

Palavras-chave: texto; textualidade; textualização; semiótica.

A (hiper)tensão da propaganda farmacêutica pela Semiótica Greimasiana

Lucas Almeida Silva

O presente trabalho teve por objetivo analisar, à luz da semiótica greimasiana, de que maneira propagandas de analgésicos de alta popularidade no mercado da indústria farmacêutica atual exercem influência no consumo desses medicamentos. Sabe-se que os avanços tecnológicos têm trazido, no que concerne ao campo da medicina, câmbios aos mais variados tipos de tratamentos de enfermidades (KORNIS *et al*, 2014). Nesse sentido, o *medical business* passou a ser tratado como um campo de igual importância/relevância no que se refere a investimentos no campo de comunicação e artes visuais (KORNIS *et al*, 2014). Dessa forma, muitos têm sido os projetos/estudos desenvolvidos acerca das estratégias de alcance de públicos cada vez maiores, de consumidores em busca de resultados mais práticos, baixo

custo e efeitos colaterais quase nulos. Assim sendo, objetivou-se, por meio da semiótica greimasiana (BARROS, 1999), verificar em que medida tais estratégias se consolidam no eixo comunicacional e como este se dá nos planos de expressão e de conteúdo. Analisou-se a propaganda do analgésico de marca popular Dorflex (2017). Observou-se, pela construção do quadrado semiótico (BARROS, 1999), uma aproximação às ideias de “praticidade” x “dificuldade” // “conforto” x “desconforto”, assim como uma embalagem que remete, no plano de expressão, a um conjunto de gomas de mascar, ideia que poderia trazer, no plano de conteúdo, uma sensação de “prazer” x “desprazer”. Assim, pôde-se inferir que algumas das técnicas utilizadas no processo de construção das propagandas de determinadas marcas de analgésicos populares remetem a experiências retomadas pelo sujeito, no plano de conteúdo.

Palavras-chave: propaganda farmacêutica; quadrado semiótico; semiótica greimasiana.

Densidade figurativa e compatibilização entre revestimento tímbrico e substrato linguístico-melódico

Lucas Takeo Shimoda (USP)

Uma revisão bibliográfica dos estudos semióticos aplicados à canção popular brasileira mostra que o timbre tem sido tratado como elemento projetado livremente sobre o enunciado e isento de sobredeterminações prévias por parte do enunciador. Uma investigação mais detida sobre as diversas manifestações do timbre aponta, porém, para a presença de diferentes graus de integração entre o revestimento tímbrico e seu respectivo substrato linguístico, melódico ou cancional; este último concebido como produto sincrético dos dois primeiros. As reflexões de Émile Benveniste (1974) sobre a inscrição do sujeito na linguagem e a proposta de “debreagem sensível” avançada pela semioticista Veronica Estay-Stange (2014) servirão de fundamento teórico para debater como, sob certas condições, o timbre pode executar operações enunciativas de debreagem e embreagem de maneira análoga aos pronomes e dêiticos na sintaxe discursiva de textos verbais. Tais observações particulares podem ser generalizadas ainda em termos de compatibilidade e incompatibilidade. Para tal, dados extraídos da música, da canção e da fala evidenciarão como a atribuição de determinado revestimento tímbrico corrobora ou contradiz aquilo que está posto pelo enunciado linguístico e/ou melódico. A condição para o desencadeamento de tais efeitos de sentido é o reconhecimento do timbre, figurativamente cristalizado e reificado dentro de uma semiosfera dada, por parte do enunciatário. Trata-se portanto de um fenômeno ligado à questão de contrato veridictório e de fazer-interpretativo (Greimas, 2014 [1983], p. 115-145). A verificação dessa hipótese poderá inaugurar novos pontos nodais para revelar a historicidade do timbre na qualidade de elemento portador de sentido e sua autonomia com relação à sua constituição acústica.

Palavras-chave: timbre; enunciação; enunciatário; debreagem.

Forma de vida neoliberal: hibridação de regimes de crença e práticas dos 'daily vloggers'

Marcos da Veiga Kalil Filho (UFF)

A semiótica discursiva vem se defrontando com o desafio de lidar com a expansão da imanência e as demandas por objetos de pesquisa que se aproximam do caldo cultural das sociedades, o que Fontanille (2015) denota como “formas de vida”. Trata-se de garantir o

acesso ao social, o cotidiano e o vivido, semiotizando as práticas sociais. O autor propõe que o engajamento em uma prática dominante objetiva a persistência de um curso de vida, delineando um sistema de semiótica existencial ou, em medida similar, da semiótica das culturas. A partir do referido marco teórico-metodológico, propõe-se a análise do canal de 'daily vloggers' "Isabella e Felipe", sediado no Youtube. Os 'daily vloggers' são pessoas que filmam suas vidas e publicam em plataformas ou redes sociais na internet. Sua subsistência decorre em grande parte dessa atividade. Recorre-se ao conceito de "sujeito neoliberal" de Dardot e Laval (2016) para delimitar a forma de vida neoliberal, que estabelece cursos de ação em suas práticas, tais como as dos 'daily vloggers'. A apresentação dará conta de apresentar os primeiros resultados da análise dos níveis de pertinência que condensam a forma de vida, observando a hibridação dos regimes de crença e das práticas semióticas dos "reality shows" e dos "programas de viagem", acarretando em efeitos de sentido de realidade, proximidade e interatividade. A estratégia enunciativa aponta para a consolidação de um modo estável de enunciar em decorrência dos papéis e temas estipulados pela forma de vida neoliberal.

Palavras-chave: Semiótica das mídias; Formas de vida; Práticas semióticas; Neoliberalismo; Youtube.

Das manifestações de rua: das Jornadas de Junho de 2013 aos Protestos de Março de 2015

Marcos Rogério Martins Costa (USP)

Em junho de 2013, as tarifas de transporte público de São Paulo-SP foram reajustadas. Esse aumento fez eclodirem as manifestações de rua chamadas "Jornadas de Junho". Inicialmente organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), essas manifestações se espalharam por todo o País. No mês de março de 2015, depois de uma disputa presidencial acirrada, as ruas voltaram a ser ocupadas por manifestantes. Só que dessa vez havia uma cisão entre apoiadores e opositores ao governo da, então, presidente Dilma Rousseff. Esses dois capítulos recentes evidenciam que as manifestações de rua constituem fenômenos discursivos pertinentes aos estudos do texto e do discurso. Por isso, propomos investigar esse fenômeno a partir dos estudos da semiótica francesa (GREIMAS COURTÉS, 2008; FONTANILLEZILBERBERG, 2001) e dos da filosofia bakhtiniana (BAKHTIN, 2010; VOLÓCHINOV, 2016). Para tanto, selecionamos como objeto de estudo o ator manifestante de rua, que é entendido, semioticamente, como o sujeito do fazer que foi tematicamente construído ao longo de suas repercussões midiáticas. O corpus coletado para a análise desse ator foram as publicações da mídia impressa de dois jornais de grande circulação, a saber: *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. As edições selecionadas foram os editoriais publicados em junho de 2013 e março de 2015. Durante a análise, investigamos como as duas mídias construíram figurativa e tematicamente o ator manifestante de rua. Como resultados parciais, compreendemos que, em junho de 2013, o ator manifestante foi massivamente disforizado pelos dois jornais, enquanto que, em março de 2015, a depender do posicionamento político adotado pelo manifestante, ele poderia ser euforizado ou disforizado pelo enunciador midiático. Desmonta-se, assim, o paradigma da imparcialidade da esfera jornalística, bem como se evidencia que o fazer jornalístico conota os fenômenos do mundo natural a partir de sua própria percepção sensível e ideológica.

Palavras-chave: semiótica; ator; manifestação de rua.

A Odisseia Em Quadrinhos: uma análise de tradução intersemiótica

Maria Clara da Cunha Machado (UFF)

Ao se pensar na passagem de uma obra literária para os quadrinhos e pensar em analisá-la, é comum que a reação usual seja a de que haveria uma simplificação da obra de partida na obra de chegada— seguindo uma visão apenas panorâmica e geral da narrativa – ou, então, uma focalização em um determinado tema. De fato, há uma razão para que tal reação tenha se tornado um padrão esperado, pois a práxis mais central dos projetos de tradução intersemiótica para quadrinhos tem a proposta de acomodação de um enunciário mais amplo. Entretanto, isso não significa dizer que essa seja a única práxis possível ou existente e o objetivo deste trabalho é apresentar uma possibilidade de manutenção das diversas camadas significativas da obra de partida, dentro dos planos de expressão específicos dos quadrinhos, através da análise da tradução da *Odisseia* de Homero para o quadrinho homônimo, idealizado pela professora Thereza Virginia Barbosa, da UFMG e ilustrado por Piero Bagnariol, publicado em 2013 pela editora Peirópolis. Para tal, é feita uma análise dos recursos usados para construir os planos de conteúdo e expressão de maneira a manter tanto a característica de aceleração característica do gênero quadrinho quanto os elementos narrativos dos poemas homéricos, focalizando na construção do jogo de vozes e na utilização nas estratégias de utilização cromáticas.

Palavras-chave: tradução intersemiótica; quadrinhos; *Odisseia*.

A performance Trouxas Ensanguentadas, de Arthur Barrio (1970) e a resistência contra o totalitarismo

Maria Vitória Laurindo Siviero (USP)

O presente trabalho tem por objetivo analisar a performance Trouxas Ensanguentadas, de Arthur Barrio, realizada em 1970, auge da ditadura civil-militar brasileira, conforme retratada no livro Arte de Guerrilha, de Artur Freitas. Considerando a performance como linguagem artística que implica a rearticulação do significado do espaço em que é realizada, tal como defendido em minha dissertação de mestrado, O Discurso da Performance Art (2017), pretende-se delimitar o regime semiótico em que tal performance se enquadra sobretudo a partir da relação entre espectador e ato performático. Na performance de Barrio, foram espalhadas trouxas recheadas com pedaços de carne, sangue e retalhos de tecidos por terrenos baldios do Rio de Janeiro e no Ribeirão das Arrudas em Belo Horizonte, chocando os transeuntes que as encontravam. Como se pode observar a partir dessa breve descrição, a percepção do evento, da ordem do parecer, de que se tratava de restos mortais humanos, de prisioneiros políticos, só é garantida pelo contexto geopolítico, social e histórico do momento de sua execução. Desse modo, a partir das análises encaminhadas, deseja-se, por fim, valer-se dos resultados obtidos para defender a necessidade de estudar a performance não como mídia artística fechada em si mesma, fruto apenas da ficção da imanência, mas linguagem que articula vários discursos complementares na constituição de seu sentido.

Palavras-chave: performance art; semiótica; discurso político.

Por uma sintaxe corporal: o papel do corpo-jogador no discurso de videogames

Mário Sérgio Teodoro da Silva Junior (UNESP)

Videogames atuais revelam-se textos estratégicos para um estudo do corpo na significação, por (i) sincretizarem, em um percurso conciso, tanto corpos do enunciado, em níveis narrativo e discursivo, quanto da enunciação, na imagem ética do sujeito, e também da cena predicativa, do discurso em ato, apontando para um corpo marcado socialmente; (ii) por simularem uma vida, implicando dimensões da memória e da sensibilidade; e (iii) por mobilizarem objetos materiais específicos no "jogar", explicitando uma coerção da ação e da própria existência do corpo prototípico representado nesses discursos. Nota-se que tal corpo está engendrado em um percurso de operações semióticas que resultam na globalidade de sentido dos videogames, que se pode esboçar nos processos que se sucedem do momento da enunciação textual, a uma percepção da prática interpretativa, passando pela sensibilização estratégica e culminando na assunção ética. Em outras palavras, os mecanismos de sintagmatização da atuação do corpo nas partidas dos jogos, anunciado tensivamente na base do conteúdo dos textos, indica uma conduta ética assumida pela enunciação, relativa a um comportamento cultural e a valorizações sociais dadas ao corpo e suas habilidades e inabilidades. O projeto de pesquisa que dá base a essa comunicação intitula-se *O corpo sensível: interatividade em videogames* (apoio FAPESP, processo nº2017/19008-2) e se propõe à análise de sete jogos eletrônicos, balizado pela semiótica greimasiana, por seus desdobramentos tensivos e pelas propostas de Eric Landowski acerca da interação e de Jacques Fontanille sobre os níveis de pertinência e as dinâmicas do corpo. Para a ocasião, dois jogos servirão como exemplos das reflexões a serem apresentadas: *Hearthstone*, um duelo de cartas jogável tanto na tela de um celular como na de um computador, e *Evolve*, uma caçada a extraterrestres desenvolvida para consoles como o Xbox e o PlayStation.

Palavras-chave: corpo; sensorialidade; percepção; videogames.

A semiótica do discurso concentracionário na Alemanha Nazista

Matheus Bueno (USP)

Este trabalho, por meio de análise da obra *É Isto um Homem?*, de Primo Levi, busca elucidar o que houve de tão ímpar nos Campos de Concentração e de Extermínio da Alemanha Nazista e, baseando-se no texto "Primo Levi: A Semiótica do Aniquilamento em Auschwitz", de Izidoro Blikstein, um possível caminho para esclarecer porque a *Shoá* se distingue de todos os genocídios até então documentados. Em função disso, almeja-se voltar para a constituição dos discursos ali perpetrados a fim de compreender o modo como atuavam as representações semióticas externas na estrutura interna dos indivíduos, em outras palavras, como a realidade imposta pelos nazistas desde as primeiras políticas de segregação colocadas em vigor na Alemanha transformou gradativamente os indivíduos até sua completa morte semiótica, espoliando-os de seus valores culturais. Para essa empreitada, fundamental é a obra *É Isto um Homem?*, de Primo Levi, na qual, propondo-se de partida ser autêntico observador semiótico da realidade concentracionária, o autor consegue demonstrar – descrevendo objetivamente e passo a passo, da etapa da prisão à destruição total da identidade, como ele próprio perde seus referenciais semânticos enquanto adquire novos repertórios – que a política de extermínio, antes das câmaras de gás, se deu desde que os perpetradores do regime passaram

a eliminar sistematicamente as verdades internas dos sujeitos a partir da destruição das representações semióticas externas.

Palavras-chave: holocausto; semiótica; literatura.

O objeto "álbum de canções": reflexões iniciais para uma definição de parâmetros de análise

Matheus Henrique Mafra (USP)

No último meio século, período em que o álbum de canções alcançou grande relevância cultural (O'Hagan; Barbour, 2013), trabalhos de diversos artistas, pesquisadores (Molina, 2015), pensadores (Mammì, 2014), críticos e produtores musicais têm apontado para um senso comum que compreende o disco como obra integral, isto é, como a extensão de um só discurso. Ainda assim, e apesar da farta pesquisa musicológica e historiográfica que corrobora esta última afirmação, o objeto "álbum de canções" continua marcado por uma série de imprecisões terminológicas e carece de parâmetros de análise satisfatórios. O costume, ainda corrente (mesmo em parte da crítica especializada), de se avaliar um álbum apenas pela atestação da qualidade de cada uma de suas canções – isto é, sem considerar o ritmo criado pelo sequenciamento destas últimas, ou, ainda, as isotopias e os investimentos semânticos evidenciados nesse mesmo sequenciamento –, em si, parece evidenciar uma peculiaridade que poderia ser o ponto de partida para uma reflexão semiótica mais aprofundada acerca desse tipo de discurso, a saber: no texto do disco, as partes (faixas) costumam possuir grande autonomia discursiva em relação ao todo (álbum). Diante dessa observação, e considerando-se que todo texto é um contexto (Greimas; Courtés, 2016, p. 97), e vice-versa, pode-se dizer que o álbum se apresenta como um texto para o enunciatário e como um contexto para as canções que o compõem. O discurso do disco se constituiria sempre, dessa forma, numa tensão entre, de um lado, a unidade do álbum e, de outro, a autonomia de cada uma de suas faixas – constatação, esta, que parece encaminhar a pesquisa rumo a uma pequena tipologia dos álbuns cancionais.

Palavras-chave: Álbum; disco; canção; semiótica.

A enunciação em relações sociais polêmicas: enunciador complexo e fazer interpretativo na Reforma Trabalhista de 2017

Milton Souza Guiguer (USP)

Afirma Greimas e Landowski na obra *Semiótica e Ciências Sociais* que o discurso jurídico desenvolve uma dupla isotopia: um discurso legislativo que instaura seres e coisas, e outro que aparece na forma de um discurso referencial, que não passa de uma elaboração ideológica, uma cobertura do mundo, anterior à fala que o articula. Tem-se, assim, discursos jurídicos que criam e organizam valores em relações sociais polêmicas e discursos jurídicos orientados a fazer prevalecer sentidos esperados socialmente com a aplicação do conjunto de normas de um Estado. Um gênero que anuncia a pretensão de instaurar coerções sucessivas, entre enunciadore-enunciatários, e outro que determina as posições jurídicas de cada enunciatário com vista a, se necessário, autorizar o Estado, no legítimo exercício da força, a fazer a posição jurídica coincidir com a posição fática das pessoas e objetos de um determinado Estado. O *corpus* escolhido para a exposição trata da primeira espécie. Através dos relatórios apresentados nos Plenários das Casas Legislativas Federais sobre a Lei

13.467/2017, nomeada de *Reforma Trabalhista*, procuramos demonstrar o complexo de relações que envolve o fazer persuasivo e o fazer interpretativo, bem como suas relações com o que se convencionou denominar como hermenêutica nas práticas humanas que envolvem interpretação de textos de natureza deôntica (prescritiva). De um lado apresentar questões relevantes de enunciados oriundos de enunciadore complexos em que a enunciação não produz, necessariamente, o arrefecimento da polêmica que lhe deu origem; e por outro lado, debater o intrincado processo do fazer interpretativo em discursos desta natureza.

Palavras-chave: Semiótica; enunciador complexo; interpretação; hermenêutica; Direito; Reforma Trabalhista.

Uma abordagem da forma códica sincrética em *Ninfomaníaca*, de Lars von Trier

Natália Guirado (USP)

Para analisar os produtos advindos de uma linguagem complexa é preciso considerar que um objeto sincrético é invariavelmente submetido de modo intrínseco às coerções físicas dos materiais que o compõem de forma integral. Consequentemente, entendemos que a significação global define-se a partir das relações que se estabelecem entre alguns elementos quando estes são colocados como fúntivos da função de superposição da qual resulta o sincretismo. O fato da narrativa fílmica ser transmitida por meio de instrumentos tecnológicos e desenvolver-se temporalmente é fundamental para a construção da significação. O suporte material para o qual se volta o olhar do espectador – a tela em que o filme é projetado ou reproduzido – sempre está presente no cinema. Assim, as imagens em movimento que podem ser reproduzidas, bem como as instâncias sonoras e as verbais escritas constituem propriedades particulares quando sincretizadas e individualizam o cinema enquanto linguagem, já que se manifestam na sétima arte de maneira única, diferentemente do modo como podem ser apreendidas pelo espectador em outras formas artísticas. As contribuições do plano da expressão juntamente ao plano do conteúdo são fulcrais para a construção da significação de um objeto fílmico e as relações entre os diversos sistemas semióticos nele presentes ocorrem desde o início da organização do sistema sincrético. Analisaremos, então, de que forma as modificações que surgem a partir da estesia podem ser notadas na linguagem cinematográfica, sistema de funções e fúntivos criado pela sincretização. Em nossa pesquisa consideramos as especificidades materiais aqui mencionadas a partir da ideia de que se trata de um sistema semiótico que traz como produto final a significação homogênea da forma códica sincrética. (Apoio: CAPES)

Palavras-chave: cinema; estesia; linguagem sincrética.

Semiótica e literatura: o leitor na experiência do tempo-espaço

Norma Discini (USP)

Se levarmos em conta o enunciatário leitor como destinatário da comunicação e como o narratário responsivo ao fazer persuasivo de um enunciador que se enuncia por meio de um narrador, podemos descrever o sujeito “do fazer interpretativo” como um dos componentes actanciais do ator da enunciação. Com base nos fundamentos da semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008) e nos desdobramentos contemporâneos da teoria, entre os quais se destaca a “gramática tensiva” postulada por Zilberberg (2011); também com apoio em

postulados semióticos sobre a função do narrador (FIORIN, 1996) e ainda com a atenção voltada a pressupostos relativos a uma estilística de viés semiótico – discutiremos mecanismos de instituição do leitor no interior dos enunciados. Perseguiremos o leitor como um sujeito que desempenha papéis patêmicos, enquanto – como presença realizada em cada texto e como presença potencializada entre um texto e outro, reunidos numa totalidade discursiva – define-se mediante um corpo aspectualizado como perfectivo ou imperfectivo, do que redundam distintos modos de experimentar o tempo e o espaço do mundo narrado. Para isso o leitor emergirá, dentre outros mecanismos, em especial do trato tensivo dado pelo narrador ao ator do enunciado, a personagem. Na literatura, a ama-de-leite, da peça *Mãe*, de José de Alencar (nascido em 1829 e morto em 1877), será cotejada com a preceptora das adolescentes do bairro de Higienópolis da São Paulo da década de 30, do conto “Atrás da Catedral de Ruão”, de Mário de Andrade (nascido em 1893 e morto em 1945). A partir daí despontarão recursos, que, alinhados à aspectualização tensiva do tempo e do espaço, articulam-se à aspectualização da pessoa. Junto à composição dos corpos do enunciado, serão reconhecidas condições de mobilização do leitor, enquanto se examinam meios de incorporação do sujeito narratário como ator da enunciação. Assim será pensado o leitor como coprodutor do tempo e do espaço vividos sob o crivo de diferentes gradientes, conforme a experiência – consentida de um presente que dura, ou abstraída dele. Na análise a ser apresentada, essa relação deverá ser constatada como reverberação da construção dos corpos de duas mulheres: aquela da primeira metade do século XIX, personagem circunscrita ao papel de escrava e à paixão da resignação, e a outra, que, não restrita a determinado papel temático, salta para percursos patêmicos contraditórios, enquanto não se permite ser somente vista pelo leitor. A última é a personagem do conto de Mário de Andrade. O narratário instituído em cada unidade textual considerada deverá comprovar-se como presença potencializada ou como uma quase-presença na totalidade relativa ao estilo. Como chave de leitura projetada pela memória e pelo devir actancializados no “fazer interpretativo” diferenciado, o leitor será confirmado como corpo aspectualizado, para além do papel temático de coprodutor do sentido. Como o sujeito que interage com o estilo que pulsa na lateralidade estabelecida entre a peça e o romance *Iracema*, para o romântico, e entre o conto e a *Paulicéia Desvairada*, para o modernista, o leitor emergirá com corpo próprio. Ficam, por fim, os augúrios (ou fica a hipótese) de que, mediante a problematização do leitor no campo da literatura, poderemos interrogar a função da periodização linear no estudo das escolas literárias.

Palavras-chave: corpo; leitor; aspecto; ator; estilo.

O conceito de “sensível” na semiótica discursiva pelo viés da historiografia linguística

Patricia Veronica Moreira (UNESP)

Este estudo busca compreender o conceito de “sensível” na semiótica greimasiana e pós-greimasiana pelo viés da historiografia linguística, contextualizando seu surgimento e permanência nos estudos semióticos contemporâneos. O “sensível” é definido como um hiperônimo e os outros conceitos circunscritos no seu campo são vistos como seus hipônimos: corpo (proprioceptividade, exteroceptividade e interoceptividade), paixões, campo de presença, timia, entre outros. Recuperaremos a espessura teórica desses conceitos pelo viés dos princípios historiográficos de contextualização, imanência, adequação e influência, de K. Koerner (1996, 2014), os parâmetros de cobertura, perspectiva e profundidade, os tipos de componentes heurístico, hermenêutico e reconstrução-sistemática de P. Swiggers (2009, 2015), grupos de especialidades de S. O. Murray (1994, 1998) e horizontes de retrospectão de S.

Auroux (2008), traçando seu percurso desde suas origens em Semântica Estrutural (1966), de A. J. Greimas, e passando pela emergência e a sua repercussão nas obras de J. Fontanille, E. Landowski e C. Zilberberg, que correspondem ao período que aqui chamamos de pós-greimasiano. Depois, definiremos em que medida o “sensível” aparece na retórica e/ou na imanência das obras dos semioticistas escolhidos. Após estabelecer os desdobramentos epistemológicos do “sensível”, finalmente, poderemos definir o lugar histórico e epistemológico de uma semiótica do sensível, explicitando sua relevância nos estudos da linguagem.

Palavras-chave: semiótica discursiva; historiografia linguística; sensível.

Entre triagens e misturas: a construção do ator homem "do lar" na televisão brasileira

Raíssa Medici de Oliveira (UNESP)

Apoiando-se no referencial teórico-metodológico da semiótica discursiva, bem como em seus atuais desdobramentos no âmbito das práticas e das formas de vida, objetiva-se investigar a construção do ator homem “do lar” e da forma de vida por ele assumida e/ou a ele atribuída na televisão brasileira, especificamente em três programas televisivos: “Casos de Família” (SBT), “Encontro com Fátima Bernardes” (Rede Globo) e “Papo de Mãe” (TV Brasil). Busca-se compreender não apenas quais papéis e práticas o referido ator desempenha no espaço público e no doméstico, mas, também – e principalmente – como esses papéis, essas práticas e esse ator são discursivamente legitimados pelos enunciadores em questão, tendo em vista os valores da moral social que, sedimentados no imaginário cultural brasileiro, regem os comportamentos femininos e masculinos nessa sociedade. A hipótese levantada é a de que cada enunciador convocaria os valores da moral social de um modo distinto: ou pelo princípio da exclusão, que tem por operador a triagem; ou pelo princípio da participação, que tem por operador a mistura. No primeiro caso, ter-se-ia a realização dos valores da moral social vigente (valores de absoluto); no segundo, a potencialização desses valores e a abertura à manifestação de valores outros (valores de universo), capazes de fornecer novos modos de ser/estar no mundo, novas formas de vida. Como nem toda triagem e nem toda mistura é plena, a práxis enunciativa de cada formato televisivo encarregar-se-ia de administrar a “dose” de participação admitida no seio do regime da exclusão e, do mesmo modo, a “dose” de exclusão admitida no seio do regime de participação. No que diz respeito à emergência da figura do homem “do lar”, a investigação propõe-se a identificar quais as “misturas” desejadas e quais as “indesejadas” ou, ainda, quais os modos de “ser homem” referendados (ou não) no universo midiático em exame. (Apoio: FAPESP)

Palavras-chave: homem “do lar”; televisão brasileira; semiótica discursiva; triagens; misturas.

Entre tradição e invenção: formas de vida, acontecimento e práxis

Renata Cristina Duarte (UNESP)

Fundamentado nos pressupostos da teoria Semiótica francesa, o presente trabalho visa a refletir sobre a relação entre os conceitos de “formas de vida”, “práxis enunciativa” e “acontecimento”. As “formas de vida”, compreendendo o modo como os indivíduos e as coletividades percebem o mundo e dão a conhecer suas concepções de existência, concernem tanto à manutenção quanto à transformação, pois se formam e se desfazem pelo uso, são

inventadas, praticadas ou recusadas pelas instâncias enunciantes. Tal consideração remete à noção de “Práxis enunciativa”, ao refletir sobre a passagem daquilo que é limitado e estabilizado no sistema da língua àquilo que é singular e inovador no exercício do discurso. Contudo, essa transição só é possível por meio de “acontecimentos”, os quais configuram uma forma semiótica que causa uma ruptura na ordem das previsibilidades e da inteligibilidade sintagmática; assim, eles permitem apreender o momento de ruptura de uma forma de vida estereotipada e o surgimento de outras devido à ressemantização dos valores e das condutas. Destarte, o presente trabalho visa a refletir sobre a relação entre tais conceitos, baseando-se na hipótese de que a dinâmica da práxis enunciativa permite o contraste de formas de vida tradicionais, armazenadas no sistema cultural, e aquelas inventivas, que transgridem os códigos e os usos estabelecidos para fundar uma nova axiologia por meio de um acontecimento. Tal abordagem permite a inserção na teoria de discussões relativas ao uso, às identidades culturais, à variação das estruturas e sua tipificação. (Apoio: convênio FAPESP/CAPES - Processo nº 2015/06211-9)

Palavras-chave: semiótica francesa; formas de vida; práxis enunciativa; acontecimento.

O discurso litúrgico judaico como poética de resistência

Rodrigo Bravo (USP)

Diferentemente das poéticas engajadas social e politicamente da literatura ocidental, tais como as encaminhadas, na época Moderna, por autores como Ferreira Gullar, Pier Paolo Pasolini, Bertolt Brecht, entre outros, a poesia judaica, ao longo de seus três mil anos ininterruptos de produção em diversos idiomas, não buscava se distanciar dos discursos e instituições tradicionais que lhe deram forma. De maneira oposta, comportando-se como as poéticas sistemáticas e eruditas do Barroco (sécs. XIII e XIV), do *haikai* japonês (séc. XVII) e do período Helenístico da cultura grega (séc. II a.e.c.), a poesia judaica se definia, sobretudo, pela rearticulação experimental de seus textos clássicos, dentre estes o *Tanakh* – a bíblia hebraica – e o *Talmud*; tal procedimento tinha por objetivo não somente fazer frente ao antissemitismo, mas também demarcar as fronteiras de um modo de composição essencialmente judaico, como forma de afirmação étnica, religiosa, social e política. Diante deste panorama, portanto, a presente apresentação tem por objetivo analisar os percursos de construção do sentido em cinco composições distintas da poesia judaica, realizadas em épocas e idiomas diferentes, a partir de perspectivas encaminhadas pela filologia semítica e pela ciência dos discursos – mais precisamente os estudos de T. Carmi (1981), sobre a história e a estrutura da poesia judaica, de Gérard Genette (1982), que fornece sistematização científica para as literaturas definidas pela citação e pela emulação, e de Roland Barthes (2012), que investiga o comportamento político de discursos conflitantes –, com o intuito de explicitar por meio de quais mecanismos discursivos e em quais termos estas rearticulam e dialogam com os textos litúrgicos que lhes servem de base.

Palavras-chave: poesia judaica; filologia; semiótica; literatura; religião.

Terra em surto esquizofrênico

Silvio Moreira Barbosa Junior (USP)

O objetivo desta apresentação é encontrar, valendo-nos de conceitos encaminhados pela semiótica narrativa e discursiva, proposta por Greimas e seus colaboradores, a partir das oposições entre o popular e a tradição, entre a sociedade e a religião, entre as massas e a mídia, entre o trabalho e o capital, entre os processos democráticos e revolucionários, entre a poética e a política, o semissimbolismo do filme *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha – voz mais expressiva do Cinema Novo –, em que se articulam expressões não somente provenientes das semióticas verbais, como também de sistemas de signos sonoros e visuais. Fruto desse entrelaçamento, a narrativa deve consolidar sua unidade a partir de uma categoria semissimbólica que ofereça a função articuladora de todos os pares de oposição da obra. Aspectos relativos à atuação, ao enquadramento, à marcação de cena, ao movimento de câmera e à edição não poderão ser desprezados. A partir de sua estreia, em 1967, um ano antes do Ato Institucional nº 5, vale verificar provisoriamente as formas pelas quais a obra capturou o Brasil, tanto na medida em que o país lhe oferecia matéria-prima para sua confecção, quanto na elaboração de categorias que a história ulterior revela indeléveis.

Palavras-chave: semissimbolismo; cinema brasileiro; Glauber Rocha.

Semiotizando a tradução

Taís de Oliveira (USP)

A partir do estudo de traduções intersemióticas fílmicas produzidas nos anos 1990 e 2000 que têm como texto fonte romances canônicos ingleses dos séculos XVIII e XIX, refletimos, neste trabalho, acerca dos questionamentos levantados nos estudos tradutológicos pelo viés da Semiótica Discursiva de linha francesa. Assim, problemáticas da área de tradução como a “fidelidade”, a “invisibilidade do tradutor” versus a visibilidade da “personalidade” ou da “intenção” do autor estrangeiro (do texto fonte), a busca da tradução literal, entre outras (WYLER 2003; BERMAN 2007; MILTON 2002; JAKOBSON 1959; VENUTI 2002), são colocadas sob o olhar semiótico, buscando-se entender como a teoria proposta por Greimas (GREIMAS & COURTÉS 2008; GREIMAS & COURTÉS 1986) e seus sucessores (FONTANILLE & ZILBERBERG 2001; FONTANILLE 2007, 2015; ZILBERBERG 2006) pode colaborar para a discussão, análise e teorização do universo das traduções de modo a chegar a um protocolo geral que abarque traduções interlinguais e intersemióticas (MANCINI 2018). Alguns dos resultados de nossa reflexão tangem questões como a impossibilidade da invisibilidade do tradutor, a tradução como recriação, o projeto enunciativo, o escalonamento de níveis de identidade da obra traduzida com o texto fonte – isto é, ver a questão da fidelidade de forma contínua – e a hipótese de saliências sensíveis. (Apoio: CAPES)

Palavras-chave: tradução; tradução intersemiótica; semiótica tensiva; cinema; adaptação; literatura canônica inglesa.

A tensão entre elementos discursivos na construção e dissolução do sujeito em um conto de Virginia Woolf

Táris Lima Gomes da Silva (UFC)

O presente estudo faz parte de uma pesquisa mais larga, na qual se pretende analisar um pequeno conjunto de contos, visando levantar elementos para a caracterização do estilo autoral de Virginia Woolf (DISCINI, 2005). Pensamos que a constância do estilo é determinada pela repetição temática presente no corpus e as alterações que ocorrem entre os textos são pautadas na tendência experimental da escrita da autora. Utilizaremos o método da semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008; BARROS, 2001; BERTRAND, 2003; FIORIN, 2008; FONTANILLE, 2012). A primeira parte da pesquisa, na qual se centrará a apresentação, se propõe a observar problemáticas como a da veridicção, do contraste entre os elementos figurativos, entre outras que compõem o conto “A dama no espelho: reflexo e reflexão”. Visto que “o discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo”, (GREIMAS, 2012, p. 117), pretendemos investigar como as estratégias manipulativas do enunciador tecem a imagem do ator do enunciado (a dama no espelho) no texto, uma vez que o conto gira em torno da construção dessa figura. Acreditamos que esse processo se efetiva através da percepção fragmentada e hipersensível transmitida pelo observador, o que acaba por gerar uma ruptura na narração.

Palavras-chave: enunciação; veridicção; observador; Virginia Woolf.

Poéticas da liberdade: romances experimentais e ditadura militar

Tatiana Cristina Carlotti (USP)

Impulsionada pela efervescência cultural dos anos 1960/1970, em meio a restrições de liberdades coletivas e individuais no Brasil, a literatura experimental se lançou à crítica contra a ditadura civil-militar, incorporando temas silenciados e tabus à época e, sobretudo, investigando novas formas de expressão capazes de atender às demandas estéticas do período; estas influenciadas, em particular, pelo teatro e artes performáticas que permitiam, em tempos de opressão, uma experimentação coletiva da arte. Visando ampliar a participação do leitor e investigando novas formas de sensibilização, a literatura experimental promoveu intenso diálogo com as formas tradicionais de composição literária, questionando seus limites e propondo novas soluções, em particular, por meio da fusão de sistemas semiológicos e dos índices de transtextualidade. Durante a apresentação, serão demonstradas três propostas experimentais, situadas em diferentes períodos da ditadura brasileira: *PanAmérica*, de José Agrippino de Paula, lançada em 1967, antes do Ato Institucional nº 5; *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, publicado em 1974 na Itália primeiramente e em 1975 no Brasil, em um período de plena vigência do aparato repressivo do Estado militar; e *Riverão Sussuarana*, de Glauber Rocha, publicado em 1978, quando a abertura democrática dá seus primeiros acenos. O que se pretende demonstrar, a partir dos dispositivos da semiótica greimasiana e das contribuições da teoria do discurso, é como essas três obras, por meio de distintos deslocamentos semiológicos, transformam a postura do leitor diante do texto literário, correspondendo à necessidade (ainda não superada) de maior interatividade entre leitor e obra.

Palavras-chave: literatura experimental; romance contemporâneo; semiótica greimasiana; ditadura militar.

Formação estrutural do símbolo: comunismo

Thiago Moreira Correa (FMU)

A abrangência no senso comum da palavra símbolo impede uma investigação exaustiva, porém, a definição hjelmsleviana de sistema simbólico (2006, p. 118) propõe uma restrição dessa multiplicidade. Essa variabilidade interpretativa na definição de símbolo pode ser observada no *Dicionário UNESP do português contemporâneo*, cuja heterogeneidade aparece em acepções imprecisas como “1. qualquer coisa usada para representar outra, especialmente objeto material que serve para representar qualquer coisa imaterial [...]”, chegando a definições mais próximas da linguística: “3. figura convencional elaborada expressamente para representar uma coisa” (BORBA, 2004, p. 1286). Essa disparidade já estava prevista no *Dicionário de Semiótica* (2008), que afirma o conceito de Hjelmslev (2006) sobre o sistema de símbolos, mas admite usos “não-linguísticos e não-semióticos” do vocábulo. O próprio Hjelmslev vai apontar as hesitações da Linguística de sua época para tratar do termo (2006, p. 118), contudo, a sua delimitação torna viável a abordagem semiótica. Assim, a isomorfia guia o conceito linguístico de símbolo, a conformidade entre os planos o define, mas fica a pergunta, se basta criar essa correlação exclusiva para formar um símbolo. A definição parte da análise do sistema simbólico, ou seja, todo símbolo possui essa estrutura, porém, ela é suficiente para produzir um símbolo? Propõe-se, então, que além da isomorfia entre os planos, o símbolo deva ser compreendido por meio de sua repetição no tempo, aliás, acredita-se que pela repetição do símbolo no tempo seja alcançada a isomorfia entre os planos. Embora não se busque fazer um tratado geral dos símbolos, busca-se um questionamento a respeito do processo de formação simbólica, pois segundo Correa (2016) essa estrutura diacrônica é base para a formação de determinadas inscrições urbanas. Dessa forma, analisa-se o símbolo do comunismo para validar a hipótese dos fatores tempo e repetição em sua construção.

Palavras-chave: semiótica; símbolo; repetição.

Por um estudo da referencialidade do arranjo *Doujinshi* a partir da semiótica de C.S. Peirce

Thomaz da Silva Barreto (UNESP)

Ao redor da franquia de videogames *Touhou Project* (com 21 jogos lançados de 1996 até então) formou-se uma comunidade de fãs que se propõe a utilizar elementos do jogo em criações artísticas, de desenhos com base nos personagens a arranjos de músicas-tema da trilha sonora original. Tais arranjos *doujinshi* (termo amplo usado para denominar qualquer tipo de produção que se baseie em elementos de grandes franquias), apesar de serem uma forma de música popular, em muito diferem de uma música comum; enquanto a segunda é (grosso modo) autônoma enquanto obra, a primeira sempre faz referência à trilha musical e ao videogame de origem. A partir da observação de tal prática e do estudo das dez classes de signo de Peirce, propôs-se uma tipologia das escutas referenciais do arranjo, ou seja, desse tipo de escuta que não se pauta meramente em uma correlação entre materiais musicais dentro da própria obra (uma escuta musical ativa típica), mas que busca trazer conteúdos exteriores à música em si por meio da referência ao contexto em que se insere a trilha sonora original. São três os tipos de escuta referencial propostos, cada uma com suas particularidades no que tange à decodificação do signo em si: uma escuta referencial simbólica remática, uma simbólica dicente e uma escuta referencial do arranjo como argumento. Nessa tipologia de escuta se assume como signo da cadeia semiótica o arranjo, entendido como réplica do tema original codificado como significante, mas que possui características próprias de sua materialidade,

ideias de ordem geral relacionadas ao jogo como objeto e as mesmas como interpretante possível. É ao redor do reconhecimento da existência destas características próprias de materialidade do signo em sua decodificação que se caracteriza cada escuta, como é próprio da discussão a respeito da terceira tricotomia de signos.

Palavras-chave: semiótica peirciana; semiótica musical; música; arranjo.

“Se beber, não dirija?” - A construção de valor em um comercial de Heineken e um contraponto mitológico indo-europeu

Tulio Silva (USP)

Em um comercial produzido por Heineken, o ex-piloto de Fórmula 1 Nico Rosberg é apresentado como um sujeito perfeccionista. Ele não tolera 1 segundo de atraso da equipe, não releva 1% de chance de chuvas e não aceita 1 milissegundo pra obter uma *pole position*. No fim da apresentação de seu percurso, Rosberg reaparece em uma festa onde recusa 1 garrafa de Heineken: “mas é só uma 1 garrafinha, Nico”, questiona um diretor da Mercedes. “Eu ainda não parei de dirigir”, diz o automobilista. A partir da análise dessa publicidade, juntamos uma tematização mitológica que, segundo George Dumézil, está fortemente impregnada nas culturas indo-européias: Um monarca proíbe o consumo de álcool durante um determinado período de tempo, porém, nesse ínterim, um sujeito quebra a lei e, ao modo do “jeitinho brasileiro”, tenta se safar. Pretendemos, com tudo isso, apontar os desafios discursivos para se criar aderência a um discurso como o “se beber, não dirija” (principalmente para uma marca de bebida alcoólica): arriscar um texto não usual entre os concorrentes e vencer tematizações tão cristalizadas quanto a de que o álcool fornece coragem. A partir das análises e de conceitos muito caros a Jean-Marie Floch, pretendemos descrever os efeitos de sentido criados por tal comercial e suas possíveis relações.

Palavras-chave: semiótica; gastronomia; cerveja; publicidade; mitologia.

Ditadura e Poesia: ecos do salazarismo em Andresen

Valéria Nassif Domingues (USP)

Os regimes totalitários apresentam sempre características desumanas bastante similares. A ditadura salazarista em Portugal, instaurada em 1933 e derrotada em 25 de abril de 1974, na chamada Revolução dos Cravos, foi um período de intensa repressão social e censura à atividade artística. Após o fim do regime, da censura e das perseguições, Sophia de Mello Breyner Andresen, que foi uma importante poetisa portuguesa do século XX, pode enfim publicar poemas como “Revolução” e “25 de Abril”, em seu livro *O Nome das Coisas* (1977). Devido à atual conjuntura política brasileira e a aparente curta memória social do país, faz-se necessário analisar obras produzidas em tais circunstâncias, que também fazem frente contra os discursos e regimes totalitários. Assim, partindo da contextualização histórica e das polêmicas discursivas em que a semiótica da arte também está inserida, são analisados, nesta apresentação, alguns poemas da autora, valendo-se de conceitos encaminhados pela semiótica proposta por Greimas e seus colaboradores; especificamente: a sintaxe discursiva, com seus processos de actorialização, temporalização e espacialização; seu revestimento figurativo, com temas e figuras, ou seja, sua semântica; e, tratando-se de poesia, as isotopias prosódico-

fonológicas. Busca-se, com isso, determinar os aspectos político-ideológicos presentes na obra da autora que caracterizam sua resistência contra o regime totalitário salazarista.

Palavras-chave: discurso político; literatura portuguesa; salazarismo.

Inconsciente Semiótico? - "O inconsciente estruturado como uma linguagem" em suas percepções psicanalíticas e semióticas

Vinicius Silva Lopes (USP)

Este texto visa apresentar um projeto de pesquisa que tem como tema fundamental a possibilidade de um conflito entre duas ciências muito próximas: semiologia/semiótica francesa e psicanálise francesa. Duas ciências que sustentam um novo paradigma científico - do homem atravessado pela linguagem - cada qual em sua especificidade epistemológica. A partir deste cenário de duas ciências em convergência quanto a um novo paradigma científico, mas que aparentam estar em divergência quanto ao entendimento do que é sujeito em relação à linguagem, busca-se estudar as possíveis interlocuções feitas na gênese dessas ciências e que se sustentam até hoje. É a partir de um retorno à linguística e à semiótica francesa em suas bases e também com autores contemporâneos que puderam desenvolver estas ciências que podemos compreender como a psicanálise iniciou o diálogo entre as duas ciências e se há ainda diálogos possíveis. Este retorno será realizado por um psicanalista num programa de semiótica e linguística geral. Entende-se que tal encontro pode provocar maiores questões - a partir da aposta de que há divergências entre as duas ciências - a serem levantadas e discutidas a fim de abarcar os objetivos do projeto e do desenvolvimento desta e de novas interlocuções entre as duas ciências que se debruçam sobre o sujeito e a linguagem. Este projeto aposta numa nova possibilidade de interpretação daquelas já realizadas previamente. Tal interpretação visa ir além da construção teórica e epistemológica das duas disciplinas - já realizada por tantos outros autores - e buscará apreender como tais construções aproximam e/ou distanciam estas ciências e quais consequências isso implicaria. Assim, o projeto estará alinhado com o desenvolvimento da linguística bem como da psicanálise numa proposição de que as múltiplas questões que podem vir a serem resolvidas neste projeto, também implicará no surgimento de novas questões para a comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Saussure; Lacan; Psicanálise; Semiologia; Epistemologia.

O canto unificado de "Muito romântico"

Zeno Queiroz Costa (UFC)

Este trabalho se propõe a um exercício analítico em torno de "Muito romântico", canção de Caetano Veloso que integra o *long play Muito: dentro da estrela azulada*, de 1978. Temos por meta investigar o modo como letra e melodia se compatibilizam para criar um efeito de sentido que, em conformidade com a postura de Caetano, contrária a qualquer tipo de cristalização criativa, escape daquilo que comumente se espera do discurso romântico. Nossa hipótese é de que uma escuta despretensiosa da canção pode apressadamente levar a crer que o seu enunciador se dedica tão somente ao recrudescimento da dimensão da intensidade e à minimização da extensidade; uma leitura mais atenta, porém, que tenha na semiótica discursiva seu aporte teórico, revela, na verdade, uma outra face do enunciador, o qual, buscando criar um sentido unificado de identidade para poder polemizar com a alteridade que

o interpela, aposta em um jogo tensivo entre tematização e passionalização. Assim, o compositor baiano empenha-se, a nosso ver, em fazer da intensidade passional um lugar de reflexão metalinguística e, oscilando entre modos opostos de compatibilização entre letra e melodia, consegue afinal fugir das "posições cancionais" previamente fixadas por uma determinada práxis enunciativa.

Palavras-chave: semiótica; canção; Caetano Veloso.

Caderno de Resumos

XVII miniENAPOL de Semiótica

FFLCH-USP, 02 a 05 de outubro de 2018

Muitos dos trabalhos aqui reunidos são resultado de pesquisas
fomentadas pela CAPES, CNPq e FAPESP.

Revisão: Adriana Elisa Inácio, Hadassa Franca Maciel, Matheus Mafra, Natalia Guirado

Preparação: Eliane Soares de Lima

Diagramação: Saulo Nogueira Schwartzmann